



UMA APROXIMAÇÃO INICIAL SOBRE A FORMAÇÃO DE REDES SOCIOPOLÍTICAS, ENTRE SUJEITOS E GRUPOS NA FRONTEIRA PLATINA, DURANTE O CONTEXTO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Marcus Vinicius da Costa¹
Paulo Pinheiro Machado²

INTRODUÇÃO

No final do século XIX três grupos políticos da Região Platina lutavam por espaço no campo político. No Uruguai, a ala tradicionalista do Partido Blanco (ou Nacional), desde 1872 lutava para que fosse respeitado o acordo de Paz de Abril – tal acordo pôs fim a Revolução de 1870 e aceitou a hegemonia dos blancos nos departamentos de Cerro Largo, San Jose, Florida e Canelones. – porém o presidente Julio Herrera y Obes (colorado) passou a ignorar o acordo, retirando do Partido Blanco o controle sobre San Jose, sustentado na chamada influência diretriz – a influência diretriz sustentava que cabia ao presidente o controle de todo o aparato estatal, a nomeação das chefaturas de polícia e política, dizia ainda que o país deveria ser governado por uma elite esclarecida - governava o país com grande exclusivismo. Assim na década de 1890 a ala tradicionalista dos blancos, liderada por Aparício Saraiva, passou a exigir, o respeito à autonomia departamental e outras medidas que garantissem, pelo menos, o direito ao Partido Blanco (ou Nacional) de co-participar no poder.³

Na Argentina, o presidente Julio Argentino Roca, havia conseguido maior concentração de autoridade no executivo federal, muitas vezes buscada, mas até então não alcançada. Esta concentração, descontentava muitos grupos políticos, a ala mais radical do Partido Autonomista, havia se desligado e liderada por Leandro Alem, resgatava o federalismo e o respeito à autonomia provincial como bandeira política. Tal grupo se articulava em partido político, a União Cívica Radical (UCR) e promoveria uma Revolução contra o regimen - criado por Roca e ainda em vigor no governo de Juarez Celman - em 1893.⁴

No Brasil vivia-se a transição do Império para a República. Retomava-se a discussão de como organizar a Estado, república federativa ou unitária, centralizada ou descentralizada, presidencialista ou parlamentarista, eram alguns dos temas e propostas em discussão. No Rio Grande do Sul, ascendeu ao poder o Partido Republicano Riograndense (PRR), liderado por Julio de Castilhos e influenciado pelo positivismo. Tal grupo excluiu sistematicamente os

membros do antigo Partido Liberal, que liderados por Gaspar Silveira Martins, buscariam retomar o poder e promoveriam a Revolução Federalista (1893-1895).⁵

OBJETIVOS

O objetivo principal deste trabalho foi compreender, em que medida, o contexto histórico-político platino do final do século XIX facilitou a aproximação e a constituição de redes por estes grupos supracitados e quais os indícios da existência destas.

MATERIAIS E MÉTODOS

As referências teóricas e metodológicas foram as da chamada História Política. A história política e os temas políticos sempre estiveram em destaque na produção historiográfica brasileira, no entanto a história política renovou-se nas últimas décadas⁶ o que exige novas pesquisas a fim de esclarecer os pontos menos claros. Até o momento o nosso trabalho foi prioritariamente bibliográfico, porém, também foram consultados documentos primários em arquivos de Porto Alegre, bem como existem muitos documentos reproduzidos nos livros pesquisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A conexão dos liberais-federalistas rio-grandenses com os blancos.

Até o final do Império, o Partido Liberal, liderado por Gaspar Silveira Martins, era o grupo político hegemônico no Rio Grande do Sul. Quando ocorreu o golpe de Proclamação da República, em 1889, Gaspar Silveira Martins foi exilado na Europa, de onde retornaria em 1892. Em março e abril deste mesmo ano, os antigos liberais rearticulados politicamente, reformulariam os programas do Partido Republicano Federal (PRF).

Após a Proclamação da República, o Partido Republicano Rio-grandense, liderado por Julio Prates de Castilhos, assumiria o poder e passaria a excluir todos os antigos liberais, Castilhos inspirado no positivismo, faria aprovar a constituição de 14 de julho de 1891, profundamente autoritária, que concentrava uma grande soma de poder na figura do presidente de estado, ele próprio. Em julho de 1892, após ter sido afastado, Castilhos com o apoio do governo federal, retomou o governo do Rio Grande do Sul, o PRR passou a

perseguir sistematicamente os membros do PRF. Cerca de 15 a 20 mil pessoas, ligadas a este grupo, se exilaram no Uruguai e nas províncias do Litoral Argentino, onde passaram a preparar a Revolução.

As principais lideranças do Partido Republicano Federal, como Gaspar Silveira Martins, João Nunes Tavares (Joca Tavares), Gumercindo Saraiva, Rafael Cabeda, Dinarte Dorneles possuíam relações sóciopolíticas consolidadas na Fronteira Platina. Para melhor compreendermos estas conexões e redes é importante demonstrarmos, de forma resumida, a trajetórias destes líderes. Gaspar Silveira Martins, nasceu em Bagé e foi batizado em Mello. Estudou os primeiros anos em Cerro Largo, departamento Uruguaio junto à fronteira, ao longo de sua trajetória política manteve importantes ligações com as forças políticas uruguaias. Suas propriedades se localizavam, em Bagé (RS), Cerro Largo e Taquarembó (Uruguai).⁷ O Tribuno possuía bom trânsito com os dois principais grupos políticos uruguaios. As ligações com os Blancos eram garantidas por Gumercindo Saraiva e Aparício Saraiva. A família de Gumercindo possuía suas fazenda "*na parte sudeste da fronteira (RS/Uruguai), arena dos encontros mais agitados entre espanhóis e brasileiros já desde o século dezoito*"⁸. Após a ascensão de Gaspar da Silveira Martins a Governador da Província em 1889, Gumercindo foi nomeado Tenente Coronel da Guarda Nacional, "*era título outorgado apenas a pessoas de confiança do governo, com capacidade de liderança política e condições de financiar o armamento e a manutenção de homens para o caso de necessidade*"⁹. Apesar de serem nomeações que custavam caro aos agraciados, o simples fato de ser detentor de um título outorgado pelo próprio Imperador e portanto reconhecido pelo Estado, não poderia deixar de ser uma grande honraria. Significava o reconhecimento do poder de fato que Gumercindo possuía em seu '*locus*' de atuação, além de ser, um capital simbólico, social e juridicamente garantido por parte do Estado.¹⁰ No final do Império Gumercindo Saraiva era uma das principais lideranças do Partido Liberal em Santa Vitória do Palmar. As ligações de Gumercindo com os Blancos foi um dos principais trunfos dos federalistas que se encontravam na cidade de Mello, em Cerro Largo. Ali na casa de Gaspar Silveira Martins, montaram seu quartel General e planejaram a revolução.¹¹

"Joca" Tavares – outro importante líder da Revolução Federalista - era filho de João da Silva Tavares, sua família possuía terras em Bagé e na região dos Campos Neutrais entre o Arroio Grande e o Rio Jaguarão. Da mesma forma como os demais, foi criado junto a ambiente social dos pampas. Apesar de ser conservador durante o Império, aderiu ao Partido Republicano Federal em 1892. A aproximação e aliança entre Gaspar Silveira Martins e Joca Tavares se deveu a um objetivo em comum: depor Julio de Castilhos.¹²

Rafael Cabeda, comerciante e estancieiro foi outro líder de destaque da Revolução Federalista e do Partido Republicano Federal. O pai de Rafael Cabeda, Angelo Cabeda, era amigo do pai de Gaspar Silveira Martins, o que demonstra que as relações familiares vinha de longa data. Cabeda especializou-se no comércio e após a morte de seu pai, assumiu os negócios da família¹³, iniciou sua trajetória política ao filiar-se ao Partido Liberal, tornou-se amigo pessoal de Gaspar Silveira Martins e durante o Império havia sido vereador em Santana do Livramento.¹⁴ Como muitos comerciantes da fronteira, Rafael Cabeda praticava o contrabando, algo que fazia parte do modo de vida local e também como outros comerciantes, foi prejudicado com a crescente fiscalização que existiu após a Proclamação da República no Brasil. Segundo Freitas muitos comerciantes e contrabandistas auxiliaram os liberais-federalistas durante a Revolução devido às atitudes fiscalizadoras do governo republicano.¹⁵

Por conseguinte, os líderes federalistas possuíam fortes relações socioeconômicas e redes de relações estendidas ao longo da fronteira do Brasil com o Uruguai e também do Brasil com Argentina. Como demonstrou a professora Ana Luiza Reckziegel em sua tese de doutoramento, as autoridades uruguaias realmente não combatiam de forma efetiva os preparativos dos federalistas que precederam a Revolução de 1893. Esta falta de repressão por parte do governo uruguaio, gerava freqüentes atritos com o governo de Julio Prates de Castilhos e é mais um indício das redes existentes na fronteira.¹⁶

Durante o período de preparação da Revolução no Uruguai, a cidade de Mello tornou-se o Quartel General dos federalistas, o centro político era Montevideú, onde se encontrava Gaspar Silveira Martins. Diversos caudilhos do Rio Grande do Sul e do Uruguai estavam nesta cidade, entre eles Joca Tavares, que já havia sido escolhido o comandante em chefe das forças rebeldes. O pai de Aparício Saraiva e de Gumercindo Saraiva, D. Chico Saraiva, havia feito grande doação de materiais e financeira para a revolução. A maior parte das armas, eram compradas na Argentina e contrabandeadas para o Uruguai. Gumercindo Saraiva já havia mobilizado e concentrado junto à fronteira, 800 homens, havia também pedido ao “*poderoso caudilho blanco Cicerón Marin, do departamento de São Jose*” um contingente de homens emprestado, este caudilho lhe enviou 300 de seus peões-soldados¹⁷ – lembramos que San Jose era justamente o departamento no qual os Blancos tinham perdido o controle.

Em fevereiro Gumercindo invadiria o RS pela fronteira com o Uruguai e depois faria sua épica marcha até o estado do Paraná. Após as atividades federalistas no Paraná fracassarem, as forças comandadas por Gumercindo Saraiva foram, obrigadas a recuar. Gumercindo foi morto já em território Riograndense e substituído por Aparício Saraiva, este procurou saída pela Argentina, onde montou uma série de acampamentos, após foi para o

Uruguai e lá permaneceu, comandou mais algumas incursões pelo RS. Em agosto de 1895 foi assinado o acordo de paz entre o Governo Federal do Brasil e o Gen. Joca Tavares, tal acordo não foi aceito por todos os revolucionários, mas a revolução estava morta.

A conexão dos liberais-federalistas rio-grandenses com os radicais.

Segundo a pesquisadora Marta Bonaldo, a partir da década de 1880, haviam aumentado as iniciativas de centralização por parte de Governo Central Argentino. Entre as medidas adotadas a autora destaca: *“la respuesta definitiva a la cuestión de la capital, el afianzamiento del monopolio de la coacción por parte del gobierno federal, eliminando los ejércitos particulares y la consolidación de instancias de consenso institucional”*¹⁸, ainda segundo esta autora, sob o federalismo Argentino, *“se escondió una administración unitaria, sostenida en una creciente apropiación de recursos, que dependió de una trama aceptada del poder electoral, de la instrumentación operativa de la intervención federal para controlar la oposición”*.¹⁹

Em agosto de 1891 fundou-se a União Cívica Radical seu principal líder era Leandro Alem. Em sua carta orgânica a nova agremiação definia como objetivos principais lutar *“por el resurgimiento de la vida institucional; el cumplimiento honrado de la ley, la pureza de la moral administrativa, el ejercicio afectivo de la soberanía de los estados y de los municipios, bases fundamentales de nuestro sistema de gobierno y existencia nacional”*²⁰. As eleições presidenciais estavam marcadas para abril de 1892, a UCR teria candidato próprio. No início deste ano Leandro Alem realizou um giro pelo interior do país, sendo aclamado pelas populações de Rosário, Córdoba, Tucumán, Santiado, Santa Fé, Entre Rio, Mendoza, San Juan, San Luis, ele *“hablaba de los derechos hollados y de la patria envilecida”*²¹ retomava as antigas bandeiras do federalismo argentino. Oito dias antes da eleição presidencial, o presidente Carlos Pellegrini decretou estado de sitio e prendeu os principais líderes da UCR. Quase todos foram deportados para Montevidéu, foi eleito o candidato oficial Luis Saens Pena e José Evaristo Urriburu como vice.

No final de 1892 já haviam surgido movimentos armados no Interior e no Litoral, e em 1893, Alem, liderou a Revolução Radical, derrotada em outubro deste mesmo ano. Consta que Alem procurou Gaspar Silveira Martins propondo *“fornecer armamentos e munição aos pontos da fronteira com o Brasil em troca do apoio dos federalistas brasileiros ao movimento revolucionário”*²², além disso, a proposta também *“previa uma provável separação do Rio Grande do Sul do Brasil, constituindo-se uma República aliada aos radicais argentinos”*²³.

Acreditamos que a rede formada com os revolucionários argentinos se constituiu ao longo da Revolução Federalista, foi através dela que muitos grupos revolucionários do RS foram armados e municiados. Isto também explica o grande número de revoltosos brasileiros que se exilaram na Argentina, após o fim da Revolução em 1895²⁴. Tal rede também é um indício da proposta política da formação de um novo “Estado-nação”, retomando uma antiga proposta de formação de uma nova federação que reuniria o RS e as províncias rebeladas da Argentina. Há fortes indícios que indicam que apesar da derrota dos radicais em outubro de 1893, até aquela data e após ela, este grupo deu apoio aos liberais-federalistas rio-grandenses.

A Revolução Federalista no RS iniciou em fevereiro de 1893, por esta época grande parte do interior argentino, principalmente as províncias do litoral estavam em revolta contra o governo central. Os revolucionários federalistas buscaram armas em diversas ocasiões na região da tríplice fronteira (Brasil/Uruguai/Argentina), local que dado suas características geofísicas e sistema hidrográfico, permitia movimentação de armamentos, o que também é um indício da aproximação dos dois grupos e do apoio mútuo. Um dos principais líderes liberal-federalistas na Região das Missões, Dinarte Dorneles, foi municiado e armado por um comitê sediado em San Tomé (ARG)²⁵, esse comitê era constituído por Modesto Dorneles, Emilio Trois, Dr. Patrício Bertran e Gabriel Albuquerque²⁶. Lembramos que a região de Misiones (na época parte da Província de Corrientes) estava convulsionada por forças radicais e liberais argentinas desde o final de 1892.

Quando ocorreu a derrota definitiva dos radicais argentinos em outubro de 1893, o grosso das forças federalistas já estava operando em Santa Catarina e Paraná, em articulação com a Revolta da Armada, que havia se dado em setembro deste ano.

Outro indício que aponta para a aproximação e para a solidariedade entre os dois grupos e os dois movimentos ocorreu em 1894, após a retirada das forças revolucionárias do Paraná e Santa Catarina. Os revolucionários liberais/federalistas acamparam nas cidades próximas a linha de fronteira RS/Argentina, na província de Corrientes e Misiones, esperaram ali os armamentos para poderem novamente ingressar no RS. Historicamente este espaço também foi um local de intenso comércio lícito e ilícito, o que a médio e longo prazo contribuiu para que se forjassem laços entre seus habitantes, uma vez que, para eles os rios Paraná e Uruguai mais que separar, unia e eram vias de comunicação, por isto, durante a Revolução Federalista, esta área ia ser visitada constantemente pelos revolucionários, ali eles recebiam armamentos contrabandeados pelos rios da Bacia do Prata. A fronteira lhes permitia uma comunicação privilegiada com os principais núcleos urbanos e apoio da população local das margens dos rios Paraná e Uruguai.

Em agosto de 1894 Luiz Senna Guasina, apontava que o Coronel Juca Tigre, encontrava-se em Corrientes e que tendo recebido "*ordem da autoridade competente para se internar, desaparecera*", que as autoridades haviam "*desarmados duzentos homens pertencentes*" as suas forças.²⁷ Já em outubro Guasina nos aponta o que provavelmente teria sido uma reunião dos líderes liberais/federalistas na Argentina. Segundo ele em telegrama publicado no jornal *La Prensa*, afirmava-se que nesta noite haviam chegado procedente da região das Missões do RS, o Coronel Torquato Severo, acompanhado de muitos chefes, oficiais e praças, entre os quais encontravam-se os seguintes: Ângelo Dourado, Coronel Colombo Leoni, Jorge Cavalcanti de Alguquerque; Comandantes: Bruno Jacinto Pereira, Galdino, Braz Torres, Pedro Restore Geomi, Firmino Rodrigue e Boaventura Vicente Machado; Majores: José M. Teixeira, Afonso Gonçalves Meireles e o Tenente de Fragata Antônio Accioli de (???)

Outros revolucionários dirigiram-se para as colônias de Entre Rios. Colombo Leoni, que chefiava um grupo de italianos formado no Paraná, realizou no dia 15 de outubro de 1894 uma conferência nos salões da Sociedade Italiana "*explicando os ideais da revolução brasileira e a necessidade em que se viram ele e seus companheiro de filiar-se a essa causa, pois os agentes de Peixoto não respeitam a propriedade nem o lar dos europeus que cumprindo deveres de neutralidade recusam tomar parte a seu favor*"²⁸, muitos italianos residentes na Argentina também tinham apoiado os radicais.²⁹ Em 23 de outubro de 1894, o jornal *El Diálogo*, publicava notícia onde dizia que as forças revolucionária liberais/federalistas, encontravam-se reunidas em Monte Caseros e que o Governo de Corrientes a pedido do representante diplomático da Brasil, havia apreendido e depositado na aduana da Darcena, "*40 caixões contendo mil carabinas Winchester*", estes caixões teriam sido conseguidos por um dos líderes da Revolta da Armada na Europa e transportados de Montevideú pelo vapor Golondrina, o destino da carga era a província de Corrientes.³⁰

Neste mesmo ano em carta dirigida a Rafael Cabeda, Prestes Guimarães, emigrado na Argentina (no outro lado do Rio Uruguai, em frente a S. Borja) solicitava que Cabeda atacasse esta cidade, enquanto ele mobilizaria as forças acampadas em Libres, La Cruz, Alvear, S. Tomé e Conceição.³¹ O fato de os federalistas ter acampado nesta região e nela se organizado, demonstra que eles tinham apoio e simpatia de diversos setores políticos junto à fronteira, senão como conseguiriam se manter em outro país. Segundo Abranches em Monte Caseros "*não só as autoridades, como a grande maioria da população, era francamente simpática ao movimento revolucionário*"³². O Governador de Corrientes, Virasoro, procurava articular-se como Vitorino Monteiro, representante Brasileiro no Uruguai, afim de "*estrangular a*

Revolução". Apesar disto, Aparício Saraiva encontrava-se em Monte Caseros e reorganizava "a descoberto suas forças" e em todos os pontos da fronteira com raríssimas exceções "o federalismo imperava livremente"³³.

Outro documento que nos mostra as relações entre revolucionários federalistas e Radicais é a correspondência do representante brasileiro na Argentina, Fernando Abott, homem de confiança do PRR e de Julio de Castilhos. Antes de analisarmos a correspondência enviada por Fernando Abott a Carlos de Carvalho é importante situarmos temporalmente o seu relatório. O mesmo foi supostamente enviado em 1895, portanto, posterior a derrota dos federalistas no Paraná, quando as tropas de Aparício Saraiva se encontravam na Argentina, e o governo central do Brasil, tentava negociar uma pacificação. Neste documento Abott, relata como encontrou a legação brasileira na Argentina e as providências que tomou para conter os Revolucionários.

Abott sustenta que encontrou a legação acéfala e sem ação, acusa seu antecessor de não ter tomado as providências cabíveis, relativas à vigilância e controle dos revolucionários federalistas que se encontravam na linha de fronteira Brasil/Argentina, lembra que havia pedido substituto, para poder retornar ao RS, onde participaria da vida política e que este pedido havia sido negado, que havia vindo para a Argentina por estar convencido da confiança depositada nele por Carlos Carvalho e pelo senhor Prudente de Moraes. Defendendo os membros do PRR sustentou que estes haviam recuado "*pela franqueza, enquanto eles (federalistas) pela dissimulação*"³⁴, acusando os federalistas diz que, "*parece que mais intensa se revela a fraqueza nos filhos do sul, (?) as vezes, a feição grosseira*"³⁵. Nesta primeira parte do documento Abott justifica suas atitudes na Argentina, através da crítica ao seu antecessor, e das providências que tomou, a crítica a fraqueza dos filhos do sul, provavelmente é uma referência à aproximação dos revolucionários federalistas aos radicais argentinos. Em seguida, Abott argumenta que a Legação Brasileira recebia importantes informações sobre os "*revolucionários, sobre passagem de forças, sobre acampamentos formados*" e que não conseguia do governo argentino uma resposta satisfatória, que espalhou milhares de agentes pelos acampamentos rebeldes e que trabalhou para repatriar diversos marinheiros e rebeldes na tentativa de conter os revolucionários federalistas. Procurou apoio nos políticos locais para a causa do Brasil, e entrou em contato com Roca e com Pelegrini para dispersar os grupos de rebeldes exilados. Roca enviou circulares aos chefes civis e militares para que tomassem providências quanto às atividades dos rebeldes, afirmando o intuito do governo brasileiro de firmar a paz em bases duradouras, preservando a autoridade.

A aproximação do representante brasileiro, do ex-presidente argentino Roca, também era providencial, uma vez que Roca possuía interesses semelhantes ao representante do Brasil. Roca procurava assim como Abott, impedir a unificação dos grupos revolucionários argentinos e brasileiros, neste sentido, entrou em contato com os chefes políticos locais para que estes auxiliassem a Legação brasileira para a dispersão dos grupos armados e para repatriação dos revolucionários. Abott também estabeleceu contato com Revolucionários Federalistas expondo que o governo desejava a paz e que julgaria os revolucionários sem ódios ou partidarismos, mas que tal só aconteceria se os revolucionários baixassem as armas. Procurou também divulgar pela imprensa as intenções do Governo de Prudente de Moraes. alguns revolucionários também o procuravam e lhe traziam informações.

O Relatório de Abott, aponta fortes indícios das relações dos revolucionários rio-grandenses e argentinos, porém há outros documentos que também corroboram neste sentido. A mensagem enviada por Julio de Castilhos a Assembléia de Representantes em 1895 nos fornece novas informações. Castilhos diz em seu relato que os “*chefes rebeldes, refugiados nos países vizinhos, abusando ostensivamente da hospitalidade estrangeira, procuravam recompor suas hostes desfeitas, mediante recursos para a continuação de uma guerra abominável, na qual já lhes tinha escapado a vitória*”³⁶, uma clara referencia as atividades dos rebeldes na fronteira dos dois países e também uma possível recomposição das hostes rebeldes com elementos uruguaios e argentinos.

Segundo Julio Prates de Castilhos destacavam-se nesta tentativa de aproximação dos grupos revolucionários dirigentes como Gaspar S. Martins e Saldanha da Gama, os dois não ocultavam “*os seus contínuos movimentos entre as duas capitais platinas e as fronteiras dos respectivos países*”³⁷. Reagindo a estes movimentos o representante brasileiro (Fernando Abott) entrou em contato com o Governo Argentino e este passou a reprimir os grupos de rebeldes exilados. Como colocamos anteriormente tal repressão também vinha ao encontro dos interesses do governo portenho.

CONCLUSÕES

A Revolução Federalista, iniciada em 1893, contou com o apoio dos Radicais argentinos e Blancos uruguaios. Os três grupos políticos que formaram esta rede, viviam realidades muito próximas e tinham programas semelhantes, possuíam o federalismo como uma de suas principais bandeiras políticas. Os Radicais argentinos contestavam a centralização de poderes no executivo federal e reivindicavam o respeito à autonomia

provincial e das municipalidades. Os membros da ala tradicionalista do Partido Blanco, igualmente contestavam a concentração de poderes no executivo federal do Uruguai e reivindicavam a autonomia departamental e municipal, bem como, o cumprimento do acordo de paz de abril de 1872. Os liberais-federalistas, contestavam a concentração de poderes no presidente do estado (do RS) Julio Prates de Castilhos, defendiam a autonomia estadual frente o governo federal, criticavam a intervenção das forças militares federais, que havia favorecido o governo de Castilhos e também reivindicavam a autonomia dos municípios. O objetivo imediato da aliança formada por estes grupos foi, o fortalecimento recíproco dos três grupos, mas existem fortes indícios que os radicais e blancos, apoiaram os liberais-federalistas, esperando que, este grupo se apoie-se no futuro em suas respectivas revoluções. Também existem indícios de que estes grupos pensaram na constituição de um novo Estado, que reuniria o RS, o Uruguai e as províncias argentinas. Todas as Revoluções foram derrotadas pelas forças governamentais. A Revolução Radical, foi derrotada em 1893, a Revolução Federalista foi finalizada com o acordo de 1895. Os próximos passos da pesquisa serão no sentido de realizarmos uma melhor delimitação de nosso objeto e uma profunda análise das fontes primárias.

Notas

¹ Licenciado em História (2002) pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do RGS – (UNIJUÍ); Mestre em Integração Latino-Americana. História Latino-Americana (MILA) (2006). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutorado do Programa de pós-graduação em História – Linha: Trabalho, Sociedade e Cultura. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Colaborador da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: professormarcus1@hotmail.com.

² Prof. Orientador: Licenciado (1982) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre (1996) e Doutor (2001) em História pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Ver a este respeito: PIVEL DEVOTO, J. E. **História de los partidos políticos en el Uruguay**. Montevideo: Camara dos Representantes, 1994. RECKZIEGEL, Ana Luiza G. S. **A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio grande do Sul e o Uruguai. (1893-1904)**. Passo Fundo : UPF/EDITORA, 1999.

⁴ Ver a este respeito: PASO, Leonardo. **Historia del Origen de los Partidos Políticos em la Argentina. 1810-1918**. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1974. MONTEVERDE, Mario R. (Dir). **Historia Del Radicalismo**. Buenos Aires: Editorial Oriente s.a., 1982. LUNA, Félix. (Dir). **500 AÑOS DE HISTORIA ARGENTINA: Orígenes de los partidos políticos**. Buenos Aires: Editorial abril s. a., 1988.

⁵ Ver a este respeito: COSTA, Marcus Vinicius da. **A REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895): O contexto platino, as redes, os discursos e os projetos políticos liberal-federalistas**. Mestrado em Integração Latino Americana, Universidade Federal de Santa Maria (dissertação). Santa Maria, fev. 2006. MORITZ, Gustavo. **Acontecimentos Políticos do Rio Grande do Sul. 89-90-91**. 1º vol. Porto Alegre: Tipografia Thurmman, 1939. COSTA, Marcus Vinicius da. **O Partido Federalista Enquanto Herdeiro do Capital Político do Partido Liberal**. In: Anais do Simpósio Internacional Fronteiras Na América Latina. Santa Maria: UFSM, 2003. (publicação digital em CD-ROM).

⁶ Ver a este respeito: RÉMOND, René (org). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. BORGES. Pacheco Vavy. **História e Política: laços permanentes**. In: Revista Brasileira de história. São Paulo. V. 12. nº 23/24. set. 91/ago. 92. pp. 7-18. RÉMOND, René. **Por que a História Política?** Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 7. n. 13. pp. 7-19, 1994. FÉLIX, Loiva Otero. **A História Política Hoje: novas abordagens**. In. Revista Catarinense de História. Nº 5. 1998. GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. **A HISTÓRIA POLÍTICA NO CAMPO DA HISTÓRIA CULTURAL**. In: Revista de História Regional. Acessado no site: <http://www.uepg.br/rhr/98ver2.htm>. dia 27/08/99 hora: 08:35.

⁷ MARTINS, Lafayette Rodrigues. Introdução. In: MARTINS, Gaspar da Silveira. **Discursos Parlamentares**. Brasília, Câmara dos Deputados, 1979. 488 p. (Perfis parlamentares, 14). pp. 15-112. RECKZIEGEL op. cit.

⁸ CHASTEEN, John Charles. **Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos**. Trad. Rafael Augustos Sêga; Thelma Belmonte; Élvio Funck. Porto Alegre: Movimento, 2003. p. 21.

⁹ A obra de Tabajara Ruas e Elmar Bonés não é um trabalho de historiadores, porém utilizamos como fonte, pois sabemos que seu autor baseou seu livro em pesquisas documentais e bibliográficas, o que dá legitimidade à obra. RUAS, Tabajara & BONÉS, Elmar. **A cabeça de Gumercindo Saraiva**. – 2ª ed – Rio de Janeiro: Record, 1997. p.118.

¹⁰ Ver sobre a importância de titulações por parte do Estado: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

¹¹ RECKZIEGEL, op. cit. 1999.

¹² RUAS, Tabajara & BONÉS, Elmar. **A cabeça de Gumercindo Saraiva**. – 2ª ed – Rio de Janeiro: Record, 1997.

¹³ Como apontam diversos autores que trabalham com o caudilhismo e com o coronelismo, enfim, com o mandonismo local, o comércio era uma das formas de se conquistar bens materiais para a atividade política e também consolidar relações sóciopolíticas, também davam status ao comerciante, diversos mandões locais formaram uma clientela política a partir de suas atividades como comerciante.

¹⁴ ALLENCASTRE, Otavio. **Raphael Cabeda: In Memoriam**. Pelotas: Livraria Universal. Echenigue & Cia, 1923. 201p.

¹⁵ O texto de Freire, além de reforçar muitas das nossas opiniões sobre a Revolução Federalista, é também uma fonte, pois foi baseado principalmente nos diários e reportagens do jornalista estadunidense Ambrose Birce, enviando para realizar a cobertura da Revolução Federalista pelo jornal Nova-iorquino *Tribune*. Os diários manuscritos de A. Birce, foram consultados e copiados na Biblioteca da Cidade de Nova York pelo autor. FREITAS, Décio. **O homem que inventou a ditadura no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 1998. 240p.

¹⁶ RECKZIEGEL, op. cit. 1999.

¹⁷ FREITAS, 1998, p. 108.

¹⁸ “a solução definitiva sobre a questão da capital, o controle do monopólio de coação por parte do governo federal, eliminando os exércitos particulares e a consolidação de instâncias de consenso institucional” (Tradução Nossa). BONAUDO, Marta. FEDERALISMO: EL CASO ARGENTINO EM LOS SIGLOS XIX Y XX. In: HEINZ, M. Flávio & HERRLEIN Jr. Ronaldo (orgs). **Histórias Regionais do Cone Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. pp. 45-57. p. 53.

¹⁹ “se escondeu uma administração unitária, sustentada em uma crescente apropriação de recursos, que dependia de uma trama de poder eleitoral, da instrumentação operativa da intervenção federal para controlar a oposição e da eficaz vinculação dos governadores com o governo central através do Senado nacional.” (Tradução Nossa). BONAUDO, op. cit. 2003, p. 53.

²⁰ MONTEVERDE, op. cit. 1982. p. 41.

²¹ PALÁCIO, Ernesto. **Historia de la Argentina. 1835-1943**. Tomo II. Buenos Aires: A Peña Lillo. Editor., 1973. p. 287.

²² RECKZIEGEL, op. cit. 1999, p. 114.

²³ Ibidem.

²⁴ Sobre estas vinculações as principais referências até agora são do diário de Luiz de Senna Guasina que apontam para o envio de armamento através de Corrientes e também mostram o grande número de revolucionários brasileiros exilados na Argentina, como o próprio autor. GUASINA, Luiz de Senna. **Diário da Revolução Federalista: 1893/1895**. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. EXT Edições, 1999. 175p. Também se percebe estas conexões no diário de Ângelo Dourado. DOURADO, Ângelo. **Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893**. Ed. Fac-similada de 1896. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 1977. E: FREITAS, 1998.

²⁵ CABEDA, op. cit. 2004, p. 46.

²⁶ ESCOBAR, op. cit. 1983, p. 222.

²⁷ GUASINA, op. cit. 1999. p. 78.

²⁸ Ibidem, p. 95.

²⁹ MONTEVERDE, op. cit..

³⁰ GUASINA, op. cit., p. 99.

³¹ GUIMARÃES, Prestes. Carta. Apud. ALLENCASTRE, op. cit., p. 89.

³² ABRANCHES, Dunschee. **A Revolta da Armada e a Revolução Rio Grandese (Correspondência entre Saldanha Marinho e Silveira Martins)**. Vol 1º e 2º. Rio de Janeiro, 1955. p. 79.

³³ Ibidem, p. 92.

³⁴ ABBOTT, Fernando. **Relatório**. [1895?] [documento manuscrito]. AHRN. p. 1

³⁵ Ibidem.

³⁶ CASTILHOS, Julio Prates de. **Mensagem Enviada a Assembléia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia de César Reinhadt, 20 de setembro de 1895. p. 3. AH-RS.

³⁷ *Ibidem*.